

## ARAÚJO LIMA

Faleceu, em 11 de julho, nesta capital, o emérito amazonista José FRANCISCO DE ARAÚJO LIMA, que desfrutava de largo prestígio nos nossos meios científicos, sobretudo depois da publicação da sua obra *A Amazônia — A Terra e o Homem*, que lhe conferiu grande notoriedade.

Nasceu JOSÉ FRANCISCO DE ARAÚJO LIMA na vila de Muaná, Estado do Pará, em 9 de maio de 1884. Fêz os estudos primário e secundário em Manaus e iniciou na Bahia o curso de medicina que não pôde concluir por falta de recursos, diplomando-se em farmácia.

Foi secretário da Repartição de Higiene do Amazonas, catedrático de História Natural no Ginásio Amazonense, inspetor do Ensino Primário, diretor geral de Instrução Pública e prefeito de Manaus. Concluiu, no Rio-de-Janeiro, o curso de medicina, tendo, igualmente, seguido o curso de medicina tropical, da Faculdade de Medicina de Paris, e do Instituto Pasteur. Foi deputado federal pelo Amazonas e representante daquele Estado no 2.º Congresso Brasileiro de Educação em Belo-Horizonte e na Conferência de Educação no Rio-de-Janeiro. Pertencia também à Academia Amazonense de Letras. Como jornalista colaborou em inúmeros jornais e revistas científicas do país.

A sua obra principal *A Amazônia — A Terra e o Homem* despertou, desde a sua publicação, um grande interesse e teve a consagração unânime dos mais conspícuos estudiosos da nossa terra. A causa deste sucesso reside, tanto na originalidade no modo de tratar o assunto e na ordenação dos fatos observados, como no caráter objetivo e positivo que presidiu à elaboração da obra — pois o autor não trazia uma tese feita para fazê-la corroborar pelos fatos, mas iria unicamente pelo exame destes chegar às conclusões gerais. Os fenômenos amazônicos somente tinham sido interpretados, até então, à luz das idéias deterministas. E, em consequência disso, veio o pessimismo dos que pintavam a Amazônia com as cores mais trágicas. Para estes as condições geográficas naquela região eram as mais tirânicas e desfavoráveis à vida do homem. E o pobre colono, frente a este meio hostil, a estas condições climáticas tão rudes teria de sucumbir. O próprio EUCLIDES DA CUNHA foi um dos mais fortes defensores desta teo-

ria e ia buscar freqüentemente na inexorabilidade do determinismo climático a explicação da inferioridade orgânica e mental do colonizador amazônico. Partindo de outras premissas era natural que ARAÚJO LIMA chegasse a conclusões inteiramente opostas. Para ele as causas que influíam poderosamente para minar a saúde do homem, deprimi-lo, tolher-lhe o desenvolvimento cultural e econômico deviam, antes, ser procuradas nas condições sociais, colonização desordenada, desorganização da vida econômica e outros fatores acidentais que bem podiam ser corrigidos e sanados pela indústria humana.

“O colonizador do Amazonas era “mau” fisicamente, fisiologicamente “mau”. Abastardado por uma condição de precariedade alimentar, minado por parasitas intestinais, anemizado pelo hematozoário, empobrecido pela escassez de vitaminas, sem conforto nem educação sanitária, como poderia esse ente espúrio ser experimentado na função de reativo do clima para provar a nocividade deste e pôr em prática a ação seletiva da terra?”

Não era o meio físico que o arruinava: era o meio social, falho e desvirtuado, desaparelhado de tudo quanto fôsse capaz de anular os inconvenientes e favorecer os estímulos do desenvolvimento natural e hígido”.

Colocados assim os problemas em seus verdadeiros termos pôde propor as soluções para resolvê-los. Assim é que, estudando os males do latifúndio, concluiu afirmando: “A solução do caso amazônico, malgrado no seu surto inicial de grandeza, estaria certamente no *distributismo*, isto é na disseminação intensiva da pequena propriedade”.

A realidade amazônica ressalta viva desta sua obra em que os fatores humanos, históricos e culturais têm uma ação decisiva e influência preponderante sobre os fatores mesológicos e etnológicos na formação histórico-cultural da Amazônia. E os preconceitos que desacreditavam a Amazônia começaram a cair, em função desta reabilitação.

A memória de ARAÚJO LIMA é particularmente cara à nossa *Revista* que teve as suas páginas ilustradas pelo seu nome, como veículo do seu pensamento.

J. M. C. L.